

A VIDA CONTADA, NA ESCRITURA DA HISTÓRIA E EM OUTRAS LETRAS

Kênia Sousa Rios
Professora do Departamento de História da UFC

O gravador deu um estalo. Era o fim de mais uma fita e, sem demora, troquei por uma nova, para não causar grandes interrupções na narrativa de Seu José, que me olhava e ria do susto provocado pelo gravador¹. Talvez ele preparasse algo assim no meio ou no fim da sua história. Mas, como ele mesmo disse, sua história não tinha fim. E anunciou sua narrativa dizendo: “Eu vou lhe contando... vou lhe contando...”

E assim fez Seu José. Foi me contando suas lembranças da seca como um “contador de histórias”, título que aliás guarda com bastante orgulho. Recebeu o “dom de narrar” e, no vilarejo onde morava, nenhuma noite de lua podia passar sem as histórias do Zé Valmir. Histórias que misturavam contos e novelas às memórias de pessoas dali mesmo do lugar. Seu José anunciou que não contaria tudo naquele dia, mas não me afobei, meu retorno já estava garantido.

Carlos Rodrigues Brandão escreveu certa vez que é possível interromper a leitura de um romance em algum lugar, mas uma boa narrativa deve ser ouvida de uma vez só.² Depois de tantas histórias que já ouvi, tendo a discordar ligeiramente do que disse Brandão. Uma boa narrativa pode ser interrompida, mas, diferente do romance, em que o leitor tem o controle sobre a pausa, na narrativa oral tal interrupção não é do domínio do ouvinte. No caso do conto contado, quem define o momento e o tempo da pausa é o narrador. Ele reconhece o momento em

que a interrupção não comprometerá o envolvimento do interlocutor ou dos interlocutores. Esse jogo de sedução garante-lhe a vida, a exemplo de Scheherazade.³ As histórias tornaram Seu José imprescindível nas noites de lua.

Um dia, durante a seca de 1958, é narrado por Seu José como algo extraordinário. Deixa o ouvinte sempre à espera do surpreendente. Pelo ritmo em que a narrativa se desenrola, dá a impressão de que o inesperado pode acontecer a qualquer momento. Ele decide parar e nada de extraordinário aconteceu até então. O suspense continua e, com ele, uma ligeira frustração. Depois de alguns segundos, descobre-se que surpreendente foi todo o percurso da narrativa. O jogo de palavras que hipnotiza o ouvinte ou, como sugere, mais uma vez, Carlos Rodrigues Brandão: “a narrativa captura o ouvinte ou o leitor pela sua inocente profundidade, pelo envolvimento dele com uma trama simples de fios de fatos e atores que desemboca, quando a narrativa é boa e absorvente, em um final até previsível, mas sempre traiçoeiramente inesperado.”⁴ Foi assim que Seu José me capturou:

“Se arrumemo um dia de tarde, saímo do Morrinho mais ou menos seis hora da noite. Era trinta homens. Tudo com fome. Nós tinha matado uma carne. Levamo só um pedaço de carne seca. Outros levaram um bocado de farinha. Outro um pedaço de rapadura. Aí viajemos.

Quando foi mais ou menos doze horas da noite, nós tudo com fome. Paremo nos mato, daqui pra lá era tudo mato. Já era mais ou menos 36 quilômetros de pés. Paremo no caminho, assemo a carne e comemo. Todo mundo ali reuniu-se, aí saímo pra Santana. Andemo, andemo. Quando foi mais ou menos uma hora da madrugada, bateu uma sede medonha. Era muita sede e cadê água. Tudo seco. Tinha umas casinha lá no Sapó. Chegamos lá, o home já saiu morrendo de medo. Também aquela ruma de gente! Foi logo dizendo:

- Pelo amor de Deus, minha gente, eu sou pobre, num tenho nada pra dar a vocês.

Eu fui e disse:

- Não, mas a gente num quer assaltar, não. Nós só quer água.

O homem respondeu:

- Mas aqui a água é bem poquinha, eu tenho uma lata d'água aqui.

Aí trouxe a água, nós bebemo todinha a água que deixamo a lata seca. Era trinta home. Quando acabemo, ficamo morrendo de, de pena do pobre véi que ficou sem água. Aí nós demo a ele um quilo de farinha e duas rapadura.

Era o que nós tinha.

Ele ficou muito alegre e disse:

- Eu fui no rio hoje e pesquei uma piabinha, vou aproveitar essa farinhezinha pra fazer já um pirãozinho pra eles.

Aí nós fomo embora. Passamo a noite todinha andando. Chegamo em Santana bem cedinho. Chegamo lá, fomo pra residência se alistar. O nosso feitor era do Morrinhos. Passamo o dia todinho. Deu doze horas, deu seis horas e esse lá sem despachar a gente. Quando foi mais ou menos dez horas da noite. Nós tudo ali sentado. Eu já tava até deitado, que tinha levado umas trouxas.

Nesse momento da narrativa intrigou-me a lembrança da tal residência, e como a fala do Seu José não se preocupou em definir, interrompi a narrativa para saber do que se tratava. Lancei três perguntas acumuladas: o que eram as residências? Onde o povo dormia? O que comiam? Mal terminei a última pergunta e Seu José foi logo dizendo: “Esperai, que a gente vai chegar lá.” Nada mais disse e foi logo continuando exatamente do ponto onde foi interrompido. Pouco interessava ao Seu José explicar o que era uma residência ou mesmo dar maiores esclarecimentos sobre aspectos “menores” da sua história. Ou como diria Walter Benjamin: “metade da arte narrativa está em evitar explicações”.⁵ E antes de causar maiores perturbações no relato do Seu José, volto à sua narrativa. Afinal, diferente de um ouvinte, o leitor desse texto pode simplesmente ter saltado este parágrafo, evitando uma interrupção dupla de minha parte.

“Aí, quando foi 10 horas mais ou menos, chegou um homem de Santana. Chegou e foi logo dizendo:

- Ei pessoal, eu tô fazendo uma turma aqui. Vou começar agora.

Esse feitor que tava com nós num tinha arranjado nada.

E como das outras vezes, Seu José é novamente o porta-voz do grupo.

- Nós somo aqui trinta home, se o senhor quiser fazer a lista, pode fazer.

Tomou o nome de tudim. Subiu pra lá, ai chamou nós. Peguemo cada um uma fichazinha. Aí fomo pro fornecimento. Chegamo no fornecimento era uma e meia da manhã. Aí tiremo rapadura, tiremo carne do sul, farinha d’água. Fumo comer aquelas hora da noite. Aí o home olhou pra nós e disse:

Olha, rapaz, num tem onde vocês dormir, vamo lá pra casa. Lá em casa tem um salão grande. A gente vai lá e dá um jeito, dorme no chão.

Aí nós fumo pra lá. Chegamo lá, ele perguntou:

- Vocês querem dormir na cadeia?

Eu disse:

- É o jeito, a gente num tem aonde.

Ele disse:

- O delegado é meu tio e o salão da cadeia é muito grande.

Aí foi dito e feito, de noite nós fomos dormir na cadeia. Todo mundo arrumou a rede lá. Todo mundo arrumou a rede lá. Trabalhem a semana todinha. Quando foi no fim da semana, nós voltamos pra Arara. Chegamos em casa sábado bem 8 horas da noite. Quando foi domingo de tarde, nós já tava se arrumando pra voltar pra Santana. Aí Seu Jaime (o prefeito) vinha, parou o carro e perguntou:

- Pra onde é que vocês vão?

Eu disse:

- Pra Santana trabalhar.

- Não vão, não. Vão pro Marco, que amanhã tem serviço no Marco pra vocês.

Aí nós ficamos felizes. Se alistamos lá na turma e ficamos lá.

O resto da história, Seu José foi contando...

As histórias de vida são narradas também na forma de contos. Tramas e formas que enredam o ouvinte nas aventuras da oralidade. Para alguns depoentes que encontrei, o ato de falar sobre qualquer tema, mesmo o mais íntimo, remete a ritmos que lembram os contos populares.

Esses contos inspiram as narrativas orais de certos narradores. As astúcias da vida cotidiana, proclamadas com a voz, lembram atos e personagens marcantes dos contos. Há uma troca interminável entre a ficção e a história. Onde começa uma e termina a outra? Isso não é realmente o que interessa para os narradores, e, aliás, não há como traçar esta genealogia, pois existe um entrelaçamento visceral entre as duas experiências.

A circulação dos contos ocorria nos encontros noturnos. No alpendre das casas, onde todos se reuniam para ouvir histórias que poucos sabiam transmitir. Como lembra outro senhor que entrevistei, era como as novenas de Nossa Senhora: cada dia o contador ia na casa de um. O contador de história era esperado com ansiedade pelo grupo, que, na maioria das vezes, já conhecia o repertório.

Lembro que quando ia de férias à casa do meu avô, as noites de lua não podiam passar sem a presença do tio Zé que prazerosamente contava as histórias, atendendo um a um, os pedidos dos ouvintes. Eu já conhecia algumas das mais pedidas, e confesso que aguardava com a mesma ânsia seus “rumances”. Ficávamos na frente do alpendre que rodeava toda a casa. O terraço largo fazia refletir na areia branca o brilho da lua. Era exatamente ali que nos acomodávamos para ouvir as histórias do tio Zé. Os vizinhos mais próximos, que moravam a três ou quatro léguas, também vinham ouvir.

Nos contos, os personagens surgem em tramas e conexões que apontam traços da dinâmica cultural dos narradores e ouvintes. As histórias de vida se confundem com perfis de personagens presentes nessas novelas. Reis, cavaleiros e princesas se misturam ao palavreado local, e os enredos do cotidiano ganham o distanciamento ficcional necessário para a composição de uma boa história. De frente para seu público, grande ou pequeno, o contador de histórias solta a voz. Francisco de Assis conseguiu reunir em seu livro dezenas de contos populares no Nordeste do Brasil. Entre eles, está o “Príncipe Santo São João”:

“Existia um casal pobrezinho muito afamalhado, que vivia de pescaria. Eles só davam para apadrinhar os filhos deles, pessoas ricas. A pobre ele não dava para apadrinhar não. Então quando um dia nasce um menino. Aí ele falando com a mulher, disse:

- Ó, mulher, a quem nós damos esse menino pra ser padrinho? Porque os homens rico daqui da cidade todos são nossos compadre...

Ela disse:

- Ah! Ainda tem o rei.

- É mesmo, vou oferecer ao rei.

Mandou oferecer o menino ao rei. O rei aceitou de muito gosto. Batizaram o menino e deram o nome de João.”⁶

Assim como as narrativas de vida se assemelham aos contos, também os contos apresentam o movimento da vida cotidiana desses indivíduos. A temática central é, sem dúvida, a peleja entre ricos e pobres. Na oralidade, na escritura e na escritura oral dos folhetos, o núcleo é quase sempre o rico com o pobre, o pobre com o rico e cada um deles com a natureza, com a tecnologia, com os amores... São inesgotáveis

ramificações dessa polaridade rico/pobre, que gera e é gerada por outras combinações.⁷

Nesse trecho do conto do príncipe São João, o que fundamenta a narrativa e a aproximação do filho com o reinado é justamente a possibilidade de torná-lo afilhado do rei- atualizando, poderia ser do patrão, do coronel ou do prefeito. A aproximação entre servo e rei, patrão e empregado por meio do batizado, ou melhor, das relações de apadrinhamento, constitui um dos fundamentos da ligação entre ricos e pobres no sertão do Ceará. A referência aos desafios cotidianos, enfrentados pelos narradores e ouvintes, torna o conto mais imagético, quem sabe mais envolvente.

Por motivos descritos ao longo do conto, o rei resolve ficar com João na sua casa. O pai de João recebe um bilhete do rei informando sua decisão. Depois de ler o bilhete, o pai se volta para a mãe e diz:

“- É mulher, o que você queria. Ontem ficamos com fome, nós e nosso filho. Hoje ficamos sem o nosso filho João porque o rei ficou com o menino, e ninguém pode fazer questão contra o rei.

A mulher retruca:

- Homem, deixa de ser besta, nós temos tantos filhos aqui que não sei o que é que faça e o rei pode educar João lá, coisa que nós nem sonha.

- É isso mesmo.

Lá, o rei botou João na escola junto com a princesa. Quando a princesa fazia, João também, passava o mesmo curso.”⁸

A mãe de João não aparece como uma personagem má. Quando diz que o filho pode ficar com o rei e que isso vai ser muito bom, não cria elos com sentimentos maternos geralmente expressos na literatura. Nesse caso, a mãe acha que o melhor para o filho é ficar longe dos pais. A propósito, nos clássicos contos europeus, tal decisão caberia a uma madrasta, que sempre tenta se livrar dos filhos do marido. A mãe de João não esperneia ou chora implorando para que o filho volte.

Quando chegam à voz dos narradores, alguns enredos são reinventados a partir das suas próprias alegrias e dores, dos seus desejos e angústias. A realidade é ficcionável, assim como a ficção é realizável. Como infere Carlos Rodrigues Brandão: “a ética a que aponta a narrativa

quase se aproxima de uma moral primitiva. Ela é direta, colada ao jogo cotidiano dos relacionamentos entre pessoas, entre as pessoas e as coisas, entre os vivos e os mortos. Seja qual for o tipo de narrativa, as metáforas de que ela se investe – e elas, em geral, são tão simples! – servem a tornar exemplar, como um conselho de vida, algo antes extraído da pura e direta matéria da própria vida. De como alguns seres sobre que se fala viveram aquilo que, entre o desejo e a realidade, ninguém mais e, no entanto, qualquer ouvinte poderia ter vivido. Poderia viver.”⁹ Os narradores que conheci contam suas histórias na forma de contos, novelas, peças, dramas, abc’s... De qualquer modo, diria Benjamin: “Seu dom é poder contar sua vida.”¹⁰ O ato de contar vivifica a existência desses indivíduos no mundo.

A exemplo do “Príncipe João”, que foi dado ao rei por seus pais e, no Ceará, muitas crianças são entregues para outras famílias criarem. Geralmente são padrinhos ou outros ricos que dificilmente lidam com esses novos integrantes como membros da família. A relação é, em geral, de submissão e exploração do adotado pelo “pai adotivo”.

Durante a seca de 1932, D. Maria Celestina foi dada por seus pais a uma família desconhecida. Quando fomos apresentadas, ela não queria me falar sobre a seca, disse que não queria lembrar de coisas tristes. Estava quase desistindo da conversa quando ela começou a contar as histórias que “aprendeu de ouvir os outros contarem”. As lembranças da mãe adotiva viraram uma história que D. Maria tenta contar, mas só para ouvintes escolhidos. Contar histórias não é o seu forte:

“Mamãe contava essa história que meu pai (de verdade) já contou pra ela... Diz que nós vinha no trem, aquela ruma de criança pequena, na baldeação de um trem pra outro, já ficou um. É a mãe que contava pra gente... Meu pai, num sei, eu num conto dele... Ficou esta menina que ninguém encontrou mais. Eu tô contando o que a minha mãe contou. Minha mãe tava doente cada vez mais se arranchando. Meu pai achou que deveria dar as meninas. Aí começou a dar. Correu a notícia lá em casa. Minha mãe (adotiva) não tinha filho, meu pai tinha recurso... Aí a mamãe vei mais papai. Eu tava dormindo, quando acordei, foi um alarme medonho. Minha mãe (adotiva) disse que não tinha corage de me levar, levar uma filha assim, arrastando, tomar dos braços da mãe? Aí minha mãe disse:

- A senhora tem medo de choro?

Ela se cala.

Minha mãe disse:

- Mas eu não tenho corage.

Meu pai disse:

- Pois então venha, quando for noitinha que ela vai tá dormindo. E foi assim que a minha mãe fez...”

Seus pais deram os filhos e as filhas e ficaram somente com um homem. Esse, conta D. Maria, foi preservado pelo pai para ajudá-lo nos trabalhos da roça. Na sua nova família, ela conseguiu freqüentar a escola e ressalta com orgulho: “Sempre estudei em escola particular”.

Nesse caso, João e Maria não fazem parte do mesmo conto, porém os dois tiveram oportunidade de estudar. D. Maria não virou princesa, mas estudou o suficiente para aprender a ler e a escrever. Gosta de ficar em casa, vendo novelas da televisão e lendo coleções enciclopédicas. Fez questão de mostrar as muitas que tinha em sua estante da sala. Desses livros, ela tenta tirar explicações para quase tudo que eu queria saber, inclusive o motivo para tanta seca no Nordeste.

Sobre as estiagens no Ceará, D. Maria não soube me responder de imediato e foi buscar o livro para tentar achar a resposta. Eu, de minha parte, incentivava-lhe a dar alguma opinião, traçada pela sua experiência religiosa com a natureza. Mas não teve o esperado efeito. Os livros podiam responder com mais segurança...

Toda a sua história foi contada com certa dificuldade. D. Maria tem uma narrativa pausada e pontuada de cortes para fazer certas digressões. Tentava lembrar detalhes para não faltar com a verdade. Fez-se uma mulher da explicação, pelo menos para mim. D. Maria queria que fosse registrada no gravador uma opção pelo mundo da escrita, e mais do que isso, pela escrita impressa. É nela que, sobretudo, acredita. As enciclopédias da estante e os programas de TV confortam os seus dias. Em certo sentido, já não depende da memória. Para D. Maria Celestina, memória pode ser um verbete do livro que dá conta do intervalo de palavras entre o L e o N. A seqüência dos livros é organizada na estante. O alfabeto se distribui de um lado a outro do móvel. Ali, ao lado da televisão, o mundo está ao seu alcance, disposto em ordem mais ou menos alfabética.

No conto de “João o Príncipe”, o que legitima a permanência do filho junto ao rei é a oportunidade de estudar, de se educar numa escola.

Este conto recria, a partir da saga de João, um desejo de aproximação com as letras. Sair de casa para encontrar não apenas tesouros ou comida, mas a escola, o estudo. Os indivíduos que têm a vida fortemente marcada pela oralidade também sonham com seus filhos na escola. Para a maioria, com pouco estudo formal, sobreviver é verbo conjugado no imperativo. Como ressaltou outra entrevistada, falando de seus padrões médicos, “quem estudou tem poder”.

A peleja entre o oral e o escrito se urde de múltiplas formas. O conto narra também a vida cotidiana, e as histórias de vida relatam casos daqueles que enfrentam os “poderosos” com um saber criado no repente da vida. Em reinados diferentes, Joões e Marias sonham em estudar, enquanto um Jeca Tatu sai dos livros de Monteiro Lobato para se acocorar num canto do Cariri, e transformar-se no pai de um dos narradores dessa pesquisa: Seu Muriçoca¹¹. Eu, que observo tudo isso, arrisco algumas interpretações e até alguns versinhos:

A moça que vem da cidade
Com um gravador na mão
Ansiosa para ouvir histórias
Que ela não sabe contar,
Depara-se com tantas memórias
Que é difícil até lembrar...

“Tu é de Fortaleza?” – perguntou-me, uma vez, a neta de um depoente. Fiquei curiosa para entender o motivo da pergunta. Ela, que tinha perto de oito anos, me respondeu: “É que vocês não sabem muito das coisas”.

Dizia isso ao mesmo tempo que enfiava a mão num buraco às margens do rio. Procurava caranguejo, enquanto eu lhe enchia de perguntas. Depois de tal resposta, calei-me e fiquei ali pensando sobre o caranguejo escondido no buraco. Acho que eu também precisava de um.

Eu era da cidade. Mas, afinal, o que mais me denunciava? O amontoado de perguntas na cabeça? O gravador? O caderno de anotação sempre à mão? Para justificar o gravador, uso, entre outras coisas, alguns argumentos: preciso saber direito o que foi dito, para não contar diferente e não esquecer de nada.

Quando disse isso a Seu Mauro, ele riu e acho que só agora entendo melhor. Eu estava apresentando um argumento difícil de ser entendido por certos depoentes. Antes de mais nada, para os que participam do terreno da oralidade, uma história jamais é contada exatamente do mesmo jeito, então guardar na memória é recriá-la ao sabor da circunstância.

A oralidade reserva uma intimidade com a memória, que não é como um gravador ou um receptáculo de informação, por isso não existe a preocupação em memorizar tudo do jeitinho que foi visto ou escutado. As histórias contadas ganham força na medida em que são reinventadas pela intensidade do vivido. Jamais serão precisamente do mesmo jeito.

Do lado de cá, estou com o gravador, algumas fitas e o caderno de anotações. Certamente, muitas coisas ditas não estão gravadas ou anotadas, foram rastreadas pela minha própria memória. Do lado de lá, os narradores contam histórias do céu e da terra, de Deus e do diabo, da vida e da morte, do sertão e da cidade, da letra e da voz.

Pois “cante lá que eu canto cá”, diz Patativa desafiando a literatura escrita. Nesse caso, o oral e o escrito podem também configurar uma peleja entre o sertão e a cidade.

“Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem do livro precisá
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve indução
Aprendeu muita ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nessa penosa vida,

Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem(...)

(...)Sua rima inda que seja
Bordada de prata e de ôro
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Por que você não conhece
Nossa vida aperreada
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece(...)

(...)Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima com preta
Não precisa professô
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô(...)

Patativa toma partido pelo sertão da oralidade. Vida narrada pela vibração da voz. Ouvida por quem participa das histórias contadas. Para o poeta, o escritor da cidade não fala do seu próprio viver, ele fala do alheio, do outro, do sertão que não experimenta na prática. Patativa garante aos sertanejos e à cultura oral a autoridade de falar sobre os sabores e dissabores do sertão. É também uma luta por territórios visíveis e invisíveis. Nessas narrativas, o saber não vem dos bancos escolares. A astúcia que garante a vida vem do próprio viver.

João Grilo, o personagem mais esperto e inteligente do sertão, até tentou freqüentar a escola, mas não deu certo, pois era ele quem ensinava o pobre mestre, que se via constantemente desafiado pelo danado do Grilo. Assim narra o cordel do José Ferreira, "As proezas de João Grilo":

João foi à escola
Com sete anos de idade
Com dez anos ele saiu
Por espontânea vontade
Todos perdiam pra ele
Outro grilo como aquele
Perdeu-se a propriedade.

João Grilo em qualquer escola
Chamava ao povo atenção
Passava quinau nos mestres
Nunca faltou com a lição
Era um tipo inteligente
No futuro e no presente
João dava interpretação.

Um dia perguntou ao mestre
O que é que Deus não vê
E o homem vê toda hora?
Diz ele: não pode ser
Pois Deus vê tudo no mundo
Em menos de um segundo
De tudo pode saber.

João Grilo disse: qual nada
Quede os elementos seus?
Abra os olhos, mestre velho
Que vou lhe mostrar os meus
Seus estudos se consomem
Um homem vê outro homem
Só Deus não vê outro Deus.

Nesse cordel, João acaba desistindo da escola. O saber de João é outro, é um tipo de sabedoria que o ensino formal ainda não aprendeu a aproveitar. É um conhecimento que o aproxima da maioria dos indivíduos que moram no sertão. Com estas “manhas”, Deus é louvado e o diabo é enfrentado dia-a-dia. Os doutores e sábios aparecem, na maioria das vezes, como figuras derrotadas ou enganadas pela argúcia desses personagens que, a exemplo de João Grilo, Seu Muriçoca ou Seu José Valmir, “nasceu antes do dia / criou-se sem formosura / mas tinha sabedoria / e morreu depois da hora / pelas artes que fazia”.

As narrativas sugerem que, para sobreviver, é preciso saber mais do que o “bê-a-bá”. Mesmo quando a escola aparece com uma certa importância nas histórias, não é só com o saber formal que a vida é enfrentada. Muitos habitantes do sertão, ou moradores da periferia da cidade, não sabem ao certo por que é importante estudar, mas todos concordam que é uma atitude fundamental para a vida. A TV a todo

instante sugere a importância do ato de estudar. Quando as pessoas do campo são questionadas pelo estudo, as respostas geralmente são vazias: “Porque é importante”. Outro poderia dizer: “É bom saber das coisas, né?”. E finalmente: “Para ser alguém na vida”.

Muitos já sabem que são alguém. Talvez por isso se divertem, brincam e desafiam alfabetos e doutores. Sabem quais são as respostas certas quando jornalistas perguntam sobre a escola. Lembro de uma reportagem, que vi na TV em 2001, sobre a exploração do trabalho infantil. No meio do sol, um garoto cortava cana enquanto a repórter o entrevistava. Dizia que nunca tinha tempo pra brincar, nunca nem brincou. Mas quando a repórter perguntou: “Onde você gostaria de estar agora?” Resposta certa: “Queria tá na escola.”

Em um outro conto popular intitulado “História do pobre e do rico e dos conselheiros do Rei”, o narrador conta que:

“Era um rico e um pobre. O rico tinha um filho e o pobre tinha outro. O pobre não podia dar estudo ao filho. Aí começaram a estudar os dois nessas escolinha fraca. Quando estavam em posição de procurar uma escola na cidade, aí o menino pobre não podia estudar. O rico chegou e disse:

- Papai, vou lhe pedir uma coisa. O estudo que o senhor der a mim, dê a fulano também. O pai dele não pode que é muito pobre. Eu quero que o senhor dê o estudo dele que eu prometi.

- Então, meu filho, pode chamar ele, que eu dou. O estudo que você estudar eu dou a ele.

Aí começaram a estudar juntos. Até que o rico se formou e ele não se formou, mas ficou sabendo tudo quanto o rico sabia. O rapaz rico como era rico, casou com uma princesa, filha de um rei. E o pobre procurou a trabalhar, só vivendo da roça mesmo. O rico continuou sendo o rei da cidade, e ele se virou no mundo.”¹²

A história omite o motivo pelo qual “fulano” não chegou a se formar, apenas sugere que voltou ao trabalho na roça. Pouco adiantou sua frequência escolar. Mas, assim como outros heróis dos contos, “o fulano” ficou rico com o saber das adivinhações e charadas.

O contato com esses narradores tem despertado, por exemplo, o desejo de contar histórias. Por isso mesmo, antes de concluir esse texto, conto uma história que vivi com Patativa. O episódio se deu durante uma homenagem que a Universidade Federal do Ceará prestou ao Poeta de

Assaré em 1994. Depois de todos os discursos e honrarias junto à Reitoria, Patativa ficou à disposição dos presentes para autógrafos. A fila andava lenta, pois o homenageado caprichava no seu desenhado PATATIVA. Quando eu estava quase lá, consegui ouvir o diálogo que Patativa travou com o indivíduo que me precedia, e que, após ter recebido o autógrafo, voltou-se para o autor e disse:

- Mas, Patativa, você esqueceu de cortar os Ts.
- Acostumado ao imprevisto e ao desafio, Patativa não titubeou:
- Você também quer que eu pingue o “i”?

Escrevendo daqui, peço licença a Patativa e a todos os outros narradores para cantar cá, ali e acolá. Mas será um canto bem menos sinuoso do que a memória, organizado em linhas corridas com palavras que se perfilam uma após a outra, até o fim da margem. As tentativas de transmitir o que estudo e sinto devem caber nestas páginas pois assim é a escritura da História.

¹ Entrevista realizada no ano de 2000, com recursos técnicos já considerados ultrapassados, por isso quem não conhece essa raridade da eletrônica procure saber o que é o gravador.

² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória/Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Cone Sul; Ed. UNIUBE, 1998. p. 38.

³ Dos contos árabes das “mil e uma noites”, nos quais Scheherazade consegue sobreviver à tirania do príncipe Xariar, pela sua astúcia como contadora de histórias. Garante sua vida pelos encantamentos da sua oratória e por interromper seus contos no momento que garantia o desejo de ouvir mais e mais, mantendo assim sua própria vida. Cf. *Le mille et une nuits*. Paris: G-Flammarion, 1965.

⁴ BRANDÃO, *op. cit.*, p. 38.

⁵ BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 203.

⁶ LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa*. Rio de Janeiro: Funarte; Instituto Nacional do Folclore, 1985. p. 135.

⁷ Sobre o tema dos contos ver: PROPP, Wladimir. *Morphologie du conte*. Paris: Seuil, 1965 et 1970; _____. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁸ *Idem, ibidem*

⁹ BRANDÃO, *op. cit.*, p. 42.

¹⁰ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 208.

¹¹ Quando Seu Muriçoca referia-se ao pai, algumas vezes, chamava-o de Jeca Tatu, ou melhor, “fica de coca à moda Jeca Tatu”. Quando perguntei-lhe sobre Monteiro Lobato disse-me que não conhecia, nunca tinha ouvido falar, mas do personagem dos almanaques do Biotônico, esse ele lembrava bem.

¹² “História do pobre e do rico e dos conselheiros do Rei” In: LIMA, *op. cit.*, p. 157.